

Discurso de Mário Soares no 34.º Aniversário do P.S. - 19 de Abril de 2007

Caro Camarada José Sócrates

Caros Camaradas

1. Foi com grande prazer que aceitei o convite do Secretário Geral, José Sócrates, para estar presente nesta cerimónia comemorativa do 34.º aniversário do nosso PS e para aqui falar. Assim, as minhas primeiras palavras são para evocar a memória de todos os nossos Camaradas que a morte levou e tanto fizeram pelo nosso Partido e, conseqüentemente, por Portugal.

2. Quando os chamados "fundadores" se reuniram em Bad Munstereifel, na República Federal da Alemanha, em 19 de Abril de 1973, a convite do SPD, então presidido por Willy Brandt, um dos principais problemas que se nos punham era saber se devíamos transformar a então Acção Socialista Portuguesa, que havíamos formado em 1964 - um simples grupo de amigos resistentes à Ditadura - num partido político estruturado, embora clandestino (todos os partidos eram ilegais), com um programa definido e membro da Internacional Socialista.

3. Alguns camaradas pensavam que era um risco desnecessário, visto que a repressão contra um partido era mais feroz do que contra um simples movimento de opinião. Outros, entre os quais me contava, convencidos de que o regime fascista dava sinais de estar no fim, achávamos que a constituição de um partido, com uma linha política própria e autónoma, reconhecido internacionalmente, seria um instrumento indispensável - eu chamei-lhe o nosso stradivarius - para influenciar decisivamente o que importava fazer no nosso País: a paz, acabando com as guerras coloniais e com o isolamento internacional de Portugal; estabelecer as bases de uma democracia pluralista e civilista, realizando eleições livres para as Constituintes, capazes de elaborar, como aconteceu, uma Constituição progressista e pioneira; desenvolver e modernizar o País, mediante o que se tornava óbvio: a adesão à então CEE, como contraponto necessário para o fim do império.

4. O PS, que teve cerca de cem mil adesões no primeiro mês de liberdade, tornou-se um partido estruturante da II República e o que, seguramente, mais contribuiu, para o equilíbrio e a moderação do novo regime democrático e, finalmente, para o sucesso da Revolução dos Cravos, na opinião de muitos historiadores e politicólogos, nacionais e estrangeiros.

5. O PS foi visto, então, pelos portugueses como um partido de Esquerda, socialista, ocidental - estávamos em plena guerra fria - pluralista, tolerante, respeitador dos Direitos Humanos e do Estado de Direito, que queríamos criar - e criámos - uma vez votada a Constituição de 1976. Partido civilista, não obstante o respeito que sempre nos mereceram os capitães de Abril, contrário ao aventureirismo anarco-populista e totalitário, que chegou a ameaçar-nos seriamente, partido do socialismo em liberdade, como então se dizia, adepto da economia de mercado, embora sujeita a regras ético-jurídicas, para diminuir as desigualdades que o mercado, entregue a si próprio, inevitavelmente, gera.

6. O PS foi sempre um partido aberto e plural, com distintas sensibilidades. O seu vasto leque ideológico, que se uniu e aprofundou nos confrontos do chamado "verão quente" e, depois, com as responsabilidades do poder - que assumimos sempre em condições muito difíceis - permitiu-nos resolver, em sucessivos governos, problemas herdados e superar crises estruturais, algumas, como a actual, de particular gravidade. O PS tornou-se, assim, um partido essencialmente nacional e popular, bem implantado em todo o território, merecendo o voto repetido da Esquerda responsável e, muitas vezes, do Centro, bem como de pessoas sem orientação partidária definida, simples patriotas que querem o bem do País e o seu progresso equilibrado e justo.

7. Foi o que sucedeu com as últimas eleições legislativas, onde o nosso Camarada José Sócrates conduziu o PS à realização de uma proeza excepcional: a obtenção, pela primeira vez, de uma maioria absoluta, para permitir ao Governo vencer a crise, herdada de um passado recente - como está a acontecer - e abrir horizontes de progresso e de desenvolvimento sustentado para Portugal, num quadro internacional e europeu de grande complexidade, incerteza e insegurança.

8. Permitam-me, caros Camaradas, que vos fale agora do nosso Partido, em breves palavras. Tendo sido um dos seus fundadores, faço-o com total independência, uma vez que - como todos sabem - não exerço quaisquer funções partidárias nem milito em nenhuma das estruturas do PS. Mas honro-me de ser socialista.

9. O Partido, caros Camaradas, que é o nosso, tem uma alma, que está muito em sintonia com o sentimento popular português. Uma alma no sentido afectivo da solidariedade com os mais pobres e os mais desfavorecidos. Uma fraternidade entre os que se batem pelos mesmos valores e ideais, de justiça social e de desenvolvimento sustentado.

É isso que nunca podemos esquecer, devendo, de geração em geração, reanimar a alma do nosso Partido, mantendo o orgulho de sermos socialistas, quer estejamos no Governo quer na Oposição. Porque, para além do poder, que é um importante instrumento de acção ao serviço da comunidade, estão as ideias, as causas generosas e os valores do humanismo socialista, que nos orientam.

Assim, o nosso Partido não deve ser tão só um instrumento de legitimação do Governo, que apoia. Mas também a sua consciência crítica, a sua seiva democrática e a expressão das inquietações populares que nos cumpre representar. É essa dupla acção que um partido como o nosso deve desempenhar, tentando responder aos novos desafios que o presente nos lança e preparar o futuro, procurando antevê-lo, intensificando o contacto directo com a grande generalidade dos seus eleitores e com o conjunto nacional.

10. É esta uma tarefa muito difícil e, às vezes, altamente ingrata, sobretudo quando o Partido - como é agora o caso - apoia um Governo assoberbado de problemas, os mais diversos e urgentes. Sei-o bem, por experiência própria. Porque o Governo tem obrigações nacionais e também no quadro da União Europeia que não pode deixar de cumprir. Sobretudo quando visa diminuir as desigualdades sociais. É isso que deve fazer a nossa diferença e o nosso enraizamento popular.

11. Estamos a viver um tempo de enorme confusão ideológica, de insegurança colectiva e, para muitos, de desespero e de falta de confiança no futuro.

É preciso reagir. A história ensina-nos que o homem esteve sempre à altura - e sempre ultrapassou - as crises que ele próprio engendrou, por erro, ambição ou incúria. Não há nenhuma razão para desistirmos de pensar - nós, socialistas - que, desta vez, seremos impotentes para resolver os problemas que nos afligem. Não! Um "mundo melhor é possível", mais justo, mais humano e menos desigual. Tanto mais que estamos a assistir às tremendas dificuldades com que se debate o "império" sonhado, sobretudo, pelos chamados neo-cons e ao descrédito do unilateralismo, das "guerras preventivas" e de um neo-liberalismo, centrado no dinheiro e no sucesso pelo sucesso, sem ética nem valores humanistas.

12. É verdade que a União Europeia tem sido, infelizmente, bastante omissa, no plano externo e demasiado seguidista da política norte americana, na pior fase da sua história.

Mas está a reagir, finalmente. A presidência alemã da União - tem manifestado uma clara vontade política de dar um novo impulso à construção europeia, tanto no plano institucional, como no de uma Europa Política, com um modelo social próprio.

Os problemas que paralisavam a União foram repostos sobre a mesa das negociações e a própria ratificação do Tratado Constitucional, com ou sem emendas, que tem estado congelado, voltou à ordem do dia, para os Estados que quiserem fazer avançar a União Europeia, como Portugal. Ora, se a presidência alemã não tiver condições para conseguir essa viragem, tão necessária, passará esse objectivo essencial para a presidência portuguesa, que desta vez terá responsabilidades acrescidas. Tudo depende também da evolução internacional (que é muito instável) e dos resultados das eleições presidenciais francesas, do próximo domingo, que, esperamos, dêem a vitória, na segunda volta, à nossa Camarada Segolène Royal.

13. Os portugueses terão de se convencer que Portugal, em termos europeus, não é um país pequeno nem de menor importância. Longe disso. Tem peso reconhecido na União Europeia. Lembremos a estratégia de Lisboa, que cada dia parece mais válida e está a ser aplicada já por vários países. Tem importância no Mediterrâneo e no Atlântico, sem esquecer África, a Ibero América e, obviamente, a CPLP.

14. Dois anos depois da formação do Governo Sócrates, podemos afirmar, com objectividade, que estamos a caminho de vencer a crise financeira. É por isso que a Direita - que está dividida, sem liderança e sem poder - ataca o PS, com tanto impudor. Realizada, como dizem os franceses, a sale besogne, a tarefa impopular - mas imprescindível - de reduzir o défice, a Direita, sem norte, julga que já chega de Governo PS. Teme que nos lancemos nas grandes reformas progressistas da Sociedade (diminuindo as desigualdades sociais que nos envergonham) e que realcemos - como é necessário - o papel social do Estado. Ora é isso que a Direita não quer. E daí os ataques ao PS e ao seu Secretário Geral, com raiva, sem critério, e, sobretudo, sem alternativa credível para oferecer. O que é mau para a Democracia.

15. Caro Secretário Geral do PS, Camarada José Sócrates, continue com a determinação, a inteligência e a coragem que demonstrou nestes dois últimos anos. Outros, antes de si, foram vítimas de ataques sórdidos e infundados. Lembremos, o camarada Ferro Rodrigues, seu antecessor na chefia do Partido. Entre outros...

O mundo não para. A vida política está sempre em mudança. É preciso perceber os novos desafios que nos espreitam. É preciso ouvir os outros e dialogar. As pessoas, por mais humildes que sejam, são sempre o mais importante. Para elas trabalhamos. É preciso promover a honradez republicana. A fidelidade à alma do PS é uma das garantias mais importantes do nosso futuro colectivo.

Tem aqui, Caro José Sócrates, nesta sala, com esta exaltante moldura humana, uma amostra significativa da gente do PS, que é solidária consigo. Recordo-lhe um velho slogan de outros tempos, também bem difíceis: "quanto mais a luta aquece mais força tem o PS".

Viva o PS! Viva Portugal!

Lisboa, 19 de Abril de 2007